

LÍNGUAS MINORITÁRIAS E PRÁTICAS TRANSIDIOMÁTICAS NA INTERNET EM TEMPOS DE SUPERDIVERSIDADE

Jakeline Aparecida Semechechem (UEM/UENP)
jakeline.semechechem@gmail.com

RESUMO

Este texto aborda o conceito de transidioma/práticas transidiomáticas (JACQUEMET, 2005, 2014, 2016) e aponta a sua relevância para o estudo da realidade contemporânea das práticas comunicativas que envolvem línguas minoritárias ou minoritarizadas em tempos de superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011), por meio da discussão de dados gerados nos meios de comunicação digital de pessoas de um contexto multilíngue, em um município no interior do Paraná. Mais especificamente, por meio de práticas transidiomáticas realizadas nas redes sociais, nas quais as pessoas lançam mão da língua ucraniana e da língua portuguesa, criando novas práticas comunicativas e ressignificando os usos da língua minoritarizada no Brasil.

Palavras-chave:

Práticas transidiomáticas. Superdiversidade. Língua minoritária.

1. Considerações iniciais

Com a globalização, as tecnologias sofisticadas para a rápida mobilidade humana e comunicação eletrônica global, tais como aviões de alta capacidade, linhas de televisão por cabo e satélite, telefonia fixa e móvel e internet, estão produzindo ambientes comunicativos onde várias línguas e canais de interação são simultaneamente evocadas por falantes transnacionais não ancorados em línguas nacionais claramente identificáveis (JACQUEMET, 2016). Para Marco Jacquemet (2016),

o mundo atualmente está repleto de contextos onde falantes usam misturas de línguas em interações com a família, amigos e colegas de trabalho, por exemplo, leem em inglês e outras línguas globais em suas telas de computador, assistem a transmissões locais, regionais ou mundiais e acessam a cultura popular em uma variedade de línguas.

Nesse mundo globalizado, superdiverso e desterritorializado, as pessoas, os textos e as línguas são móveis e há mutações comunicativas (JACQUEMET, 2005, 2016). Há consequências da intersecção de pessoas móveis e de textos móveis, essa intersecção não é localizada num território definido, mas em um mundo desterritorializado da comunicação moderna tardia (JACQUEMET, 2005), onde na interação há encontro de práticas de mídia móvel e pessoas transnacionais, interação entre processos locais e globais e práticas identitárias recombinantes (JACQUEMET, 2005). Podemos salientar que cada vez mais, conforme Marco Jacquemet (2014, p. 2) “[...] migration and technological innovations result in mutated communicative repertoires and more complex forms of communication”, dentre elas as práticas que ele define como transidiomáticas.

No Brasil, Luiz Paulo da Moita Lopes (2013) abordou usos transidiomáticos do português com outras línguas, por exemplo, o autor mostrou como um grupo usava em suas letras de rap o esporguarani (espanhol, português e guarani). Maria Inêz Probst Lucena e André Marques do Nascimento (2016) mostraram práticas complexas de linguagem realizadas por indivíduos indígenas do Brasil, nas quais, por exemplo, eram usadas nas redes sociais os recursos linguísticos do português e do karajá em justaposição ou ainda em português e craô. Para os autores havia tentativas mútuas de fazer sentido a partir de repertórios comunicativos heterogêneos e complexos que sustentam a dinâmica dos processos de negociação e mediações interculturais, existentes em tais contextos. Neste artigo,

apresento práticas transidiomáticas nas quais as pessoas de um município multilíngue do interior do Paraná lançam mão das diferentes línguas⁸ que constituem seus repertórios linguísticos, no caso da língua ucraniana e língua portuguesa, nas redes sociais, no extinto *Orkut* e no *Facebook*. O texto está organizado do seguinte modo: na segunda seção apresento o conceito de superdiversidade, na seção seguinte o conceito de transidioma e de práticas transidiomáticas, juntamente com dados que mostram essas práticas. Por fim, discorro algumas considerações finais.

2. A superdiversidade em tempos de globalização ou tempos de superdiversidade na globalização

O termo superdiversidade⁹ foi cunhado inicialmente por Steven Vertovec (2007) para dar conta da diversificação da diversidade, principalmente decorrente dos novos fluxos migratórios na Europa após a Guerra Fria. Jan Blommaert e Ben Rampton (2011) ressaltam que, com base no fato de que a globalização alterou a face da diversidade social, cultural e linguística nas sociedades em todo o mundo e devido à natureza difusa de migração, o multiculturalismo de uma época anterior (capturado, em sua maioria, num paradigma de ‘minorias étnicas’) tem sido gradualmente substituído pelo que Steven Vertovec (2007) denomina de superdiversidade, termo usado para se referir ao entrelaçamento de diversidades, não só em relação à etnia, mas também em relação a outras variáveis, como classe social, sexo, idade, religião, *status* de migração, decorrentes das trajetórias de vários grupos de migrantes do século XXI. Essa superdiversidade inclui ainda conforme Marilyn

⁸ Reconheço que os recursos comunicativos envolvem mais que categorias de línguas, mas também expressões multimodais, estilos etc. (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011)

⁹ Super-diversity or superdiversity.

Martin-Jones e Sheena Gardner (2012), não somente aqueles que estiveram envolvidos em movimentos migratórios ao longo da última década, mas também comunidades de migrantes já estabelecidas ao longo de gerações.

Ainda de acordo com Jan Blommaert e Ben Rampton (2011), esse termo tem sido expandido com vistas a englobar, em decorrência da globalização, a alteração da diversidade social, cultural, linguística e dos modos de comunicação no mundo todo (BLOMMAERT & RAMPTON, 2011). Para Marco Jacquemet (2015), embora o termo “superdiversidade” tenha limitações e uma lista crescente de críticos, o conceito evoca a realidade mutante da vida contemporânea. Marco Jacquemet (2014) destaca que os fenômenos que o termo “superdiversidade” procura abordar merecem nossa atenção, especialmente se nós estendermos este conceito para a análise das mudanças comunicativas resultantes não só dos fluxos migratórios complexos, mas também daquelas desenvolvidas no campo das tecnologias de comunicação.

Embora, conforme Jan Blommaert (2014), as formulações originais de superdiversidade, propostas por Steven Vertovec (2007), fossem originalmente para os grandes centros e metrópoles, precisamos considerar que os fenômenos da globalização não estão confinados aos grandes centros urbanos, muitas vezes vistos como “cidades globais”, mas ocorrem também em áreas periféricas urbanas e rurais.

Xuan Wang, Massimiliano Spotti, Kasper Juffermans, Leonie Cornips, Sjaak Kroon e Jan Blommaert (2014) destacam que os estudos que envolvem a globalização têm-se concentrado em lugares típicos, onde características e fenômenos da globalização estão disponíveis em abundância, por exemplo, sobre as grandes metrópoles onde há hiper mobilidade, com sua diversidade explosiva e visível nas pessoas e línguas. Já, lugares menos comuns, como áreas rurais, regiões perifé-

cas¹⁰ de países, zonas periféricas institucionais, são significativamente mais foco de estudos, envolvendo globalização e superdiversidade. No entanto, para os autores, não há razão para excluir essas “margens” de análises de processos de globalização e de suas implicações sociolinguísticas, uma vez que a globalização é uma transformação em todo o mundo, não afetando somente centros metropolitanos, mas também suas margens mais afastadas, embora a maior condição para os processos de globalização seja a disponibilidade e acessibilidade das infra-estruturas para a globalização e a distribuição dessas infra-estruturas não seja necessariamente organizada democraticamente. Áreas periféricas podem ser caracterizadas como tendo um acesso parcial às infra-estruturas específicas da globalização, muitas vezes com diferenças esmagadoras dessas infra-estruturas em relação a cidades globais, o que contribui para deixar essas margens ainda mais afastadas (WANG et al, 2014). Neste artigo, discuto dados de participantes de duas pesquisas de cunho etnográfico que foram realizadas em períodos distintos (2009 e 2013) em um município multilíngue do interior do Paraná, ou seja, de um contexto periférico se associado aos grandes centros e metrópoles, mas que não está alheio aos efeitos da globalização e das práticas comunicativas decorrentes desse processo e do mundo contemporâneo, embora esses se deem de modo diferenciados dos grandes centros. Na próxima seção, apresento o conceito e práticas transidiomáticas da língua ucraniana e da língua portuguesa.

¹⁰ Locais periféricos são definidos como tal por um relacionamento (seja geográfico, político, econômico, etc) para algum centro percebido. (PIETIKAINEN & KELLY-HOLMES, 2013)

3. *Transidioma e práticas transidiomáticas em língua ucraniana e língua portuguesa*

Para Marco Jacquemet (2005, 2016), os estudos contemporâneos sobre linguagem e comunicação precisam abordar a globalização progressiva de práticas comunicativas e formações sociais que resultam da crescente mobilidade de pessoas, línguas e textos, sem deixar de lado as relações de poder assimétricas e penetrações engendradas nesses fluxos. Assim, a fim de abordar “[...] *not only migrants’ linguistic practices but also their (and others’) digital interactions* [...]” (JACQUEMET, 2016, p. 341), o autor desenvolveu o conceito de transidioma/práticas transidiomáticas (JACQUEMET, 2005, 2016) para descrever práticas comunicativas de grupos de pessoas, não mais territorialmente definidas que usam face a face e em meios de comunicação de longa distância a combinação de comunicação digital e multilíngue. Desse modo, qualquer um que tem a comunicação mediada por tecnologias desterritorializadas e que interage tanto com pessoas presentes como distantes, com o uso de diferentes línguas e códigos, estará produzindo práticas transidiomáticas. (JACQUEMET, 2005)

Esse conceito, para Marco Jacquemet (2016), desafia os pesquisadores a olhar para as múltiplas formas linguísticas, indexicalidades e relações de poder em contextos móveis e saturados pela mídia “[...] *where different repertoires from various languages may be simultaneously activated, over a range of multiple channels, depending on the social desires and linguistic ideologies at play in a particular environment*” (JACQUEMET, 2016, p. 342). Nesse viés, é preciso que significativamente alteremos as lentes que comumente adotamos para olhar para a linguagem, pois necessitamos acomodar os fenômenos comunicativos produzidos por identidades recombinantes, mesmo que falte ordem gramatical e sintática a esses fenômenos, ou que eles não possam ser reconhecidos como parte de um único código standardizado. (JACQUEMET, 2005)

Essa abordagem de transidioma/práticas transidiomáticas é relevante para a realidade contemporânea de pessoas em contextos multilíngues minoritarizados no Brasil (CAVALCANTI, 2009), cujas línguas minoritárias fazem parte de seus repertórios, uma vez que, embora de modo desigual, pessoas desses grupos minoritarizados estão cada vez mais se inserindo nas novas práticas comunicativas decorrentes da globalização. No caso da língua ucraniana, em meus dois estudos (SEMECHECHEM, 2010, 2016), identifiquei que as pessoas falantes da língua ucraniana em um contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil, interior do Paraná, mobilizam esse recurso em interações face a face ou a longa distância em situações que envolvem canais de comunicações e tecnologias. No entanto, o que se tornou bastante patente foram as práticas comunicativas mediadas pela internet, principalmente, pelas redes sociais. As redes sociais, desde a época do extinto *Orkut* e na atualidade com o *Facebook* têm propiciado que as pessoas desse contexto e de outros no Brasil interajam em ambientes cibernéticos locais, translocais e transnacionais, lançando mão das línguas que constituem seus repertórios linguísticos como a língua portuguesa e a língua ucraniana.

O dado a seguir, apresentado no quadro 1, é uma transcrição de um perfil do antigo *Orkut*. Nessa rede social, as pessoas costumavam fazer na página inicial uma descrição de seu perfil, escrevendo algo sobre elas, alguma música, poesia etc. Na apresentação de seu perfil, Mara realiza uma prática transidiomática, fazendo uso do português e do ucraniano.

Porque e pra que você quer saber quem sou eu?

..... !!!... " _ Часом ми не можемо зрозуміти,
про те, чому ми йдемо шляхом
дивні і важкі часи ...
_.... Однак ми повинні продовжувати, і вже більш
утримуватися від дотику до човні....?!?! ".
_____ ок...?!?!?!

local: Brasil

relacionamento: casado(a)

[ver perfil inteiro »](#)

Quadro 1. Perfil no *Orkut*. Fonte: *corpus* de pesquisa da autora¹¹

A seguir, no quadro 2, apresento a transcrição de uma prática transidiomática realizada no *Facebook*. Andrei recebeu postagens de feliz aniversário, dentre elas, algumas em língua ucraniana, ou em língua ucraniana e em língua portuguesa e respondeu uma das pessoas que lhe felicitou em língua ucraniana do seguinte modo:

Andrei: дуже дякую por lembrar de mim nesse dia...

Quadro 2. Postagem no *Facebook*. Fonte: *corpus* de pesquisa da autora.

Esses dados ilustram práticas comunicativas transidiomáticas, nas quais algumas pessoas fazem uso da língua portuguesa e da língua ucraniana para interagir nas redes sociais, seja com pessoas do município, do Estado ou até mesmo de fora do país, como da Ucrânia ou de outros países. Cabe ressaltar que nem todas as pessoas que costumam usar a língua ucraniana dominam também a escrita em cirílico. Portanto, essa prática é mais comum nas práticas comunicativas de algu-

¹¹ Todas as pessoas participantes foram identificadas por pseudônimos e os dados de suas redes sociais foram transcritos e não apresentados na íntegra para proteger suas identidades reais.

mas pessoas, embora o uso de recursos na internet também tenha permitido que algumas pessoas que não dominam a escrita em cirílico, busquem por esse recurso.

Na internet e nessas comunicações virtuais tem sido identificado também, o que Marco Jacquemet (2016, p. 339) chama de “grassroots literacy”, a emergência espontânea de escrita vernacular que não está em conformidade com as normas reconhecidas a nível nacional. As pessoas estão, por exemplo, também mobilizando nas suas práticas transidiomáticas na rede uma escrita que mescla o ucraniano e o português, algumas vezes essa mescla é usada com fronteiras até definíveis (língua ucraniana escrita padrão e língua portuguesa), outras vezes é uma escrita que representa por meio do alfabeto romano a fala em língua ucraniana, sem o seguimento de convenções usadas na escrita romanizada do ucraniano¹², e muitas vezes com marcas de convenções ortográficas da escrita em língua portuguesa, conforme transcrevo no quadro 3, uma mensagem retirada do *Orkut*.

Anderson

te tó biz, tack spudeicha bem podibnei do teve. pascudnei tack didco

Quadro 3. Mensagem do *Orkut*. Fonte: *corpus* de pesquisa da autora.

No dado apresentado, Anderson postou uma mensagem sobre uma foto de Paulo juntamente com um amigo deles, transliterando o conteúdo da língua ucraniana, Anderson diz que o amigo que está com Paulo é feio como ele, feio como diabo.

¹² Tendo em conta a grande distância entre os alfabetos latino e cirílico, foram concebidos alguns sistemas de romanização da escrita cirílica. Algumas línguas, como o sérvio, utilizam ambos os alfabetos. Outras línguas, como é o caso do ucraniano, apenas utilizam a escrita romanizada como instrumento de apoio à divulgação da língua, facilitando a sua pronúncia e a sua compreensão. Por essa razão, este sistema não está ainda estabilizado. (PROJECTO, 2003)

Essa transliteração da língua ucraniana, sem estar necessariamente conforme o uso da escrita em língua ucraniana no sistema romanizado, também é realizada por algumas pessoas no *Facebook*, conforme pode ser ilustrado no quadro 4.

Maria: Pés turnê kkk

Quadro 4. Comentário do *Facebook*.

Fonte: *corpus* de pesquisa da autora

O quadro 4 apresenta a transcrição do comentário de Maria sobre a foto postada por Andrei, dele e de seu cão. Maria comenta sobre o cão de Andrei, usando uma transliteração da fala em língua ucraniana. Por exemplo, “Pés” não é uma escrita em língua portuguesa que significa “pés”, mas uma transliteração de como se fala em língua ucraniana, sua escrita em cirílico seria “пес”.

Esses dois últimos comentários escritos no *Orkut* e no *Facebook* com um ucraniano “não-ortodoxo” não estão em conformidade com a escrita ucraniana em nível internacional. Assim esses textos tendo em vista o que pressupõe Marco Jacquemet (2016), podem ser perfeitamente compreensíveis a nível de escala local, mas o seu significado pode desaparecer em escalas nacional e internacional. Esses códigos não ortodoxos, uma vez inseridos na circulação global trazem consigo uma complexidade adicional para atual compreensão da linguagem e da comunicação (JACQUEMET, 2016), o que demonstra a necessidade de estudos e sempre tendo em vista que “ [...] *in globalized environments, what counts is not what “language” one speaks but the capacity to make oneself understood by others (based on translinguistic semiotic forms) [...]*” (JACQUEMET, 2016, p. 335-336).

Em 2009, foi aplicado um questionário online para pessoas que interagiam em ucraniano pelo *Orkut* e somente as pessoas que usavam a escrita em ucraniano cirílico ou que usavam a escrita romanizada, mas tinham conhecimento da es-

crita em cirílico que reconheceram fazer uso da escrita em ucraniano. Pessoas que transliteravam a fala ucraniana baseando-se no sistema de escrita em português não reconheceram esse uso como escrita em ucraniano.

Os dados apresentados correspondem a interações transidiomáticas em uma escala local, são pessoas do mesmo município interagindo nas redes sociais, mas ocorria no *Orkut* e ocorre ainda no *Facebook* de algumas pessoas usarem essas práticas nas interações com pessoas de outros municípios, mas que fazem parte do mesmo grupo étnico-linguístico. Ainda essas práticas comunicativas não foram analisadas sistematicamente e quantitativamente em termos de ocorrências e de número de pessoas que as realizam.

4. Considerações finais

Este texto apontou que o conceito de transidioma/práticas transidiomáticas é relevante para dar conta de compreender essas realidades comunicativas em tempos de globalização e da comunicação cada vez mais desterritorializada e heterogênea como no caso da comunicação virtual. Além disso, no campo de estudos multilíngues é uma abordagem também pertinente devido ao fato que falantes de línguas minoritárias vêm se utilizando, cada vez mais, dos novos recursos tecnológicos (MAHER, 2015), como mostrado no caso de falantes da língua ucraniana de um município no interior do Paraná, que têm ressignificado o uso da língua ucraniana, especialmente da língua ucraniana escrita nas práticas comunicativas digitais, produzindo novas práticas comunicativas, práticas transidiomáticas, que envolvem o uso da língua portuguesa e do ucraniano, mas que não excluem o uso dessa língua minoritária.

Também como exposto as escritas não-convencionais, como o caso da escrita em língua ucraniana que usa uma trans-

literação em língua portuguesa da fala em língua ucraniana, ganham espaço nessas práticas transidiomáticas e isso certamente tem implicações para essas pessoas, para seus repertórios linguísticos e para suas identidades, carecendo de estudos que explorem esses fenômenos.

Ainda tendo em vista o que ressalta Marco Jacquemet (2016), que os transidiomas irão desempenhar um papel cada vez mais importante nas paisagens comunicativas do século XXI, pesquisas no campo de estudos linguísticos que envolvam essa abordagem podem contribuir para a compreensão da intensificação dessas formas de comunicação da sociedade globalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, Jan. From mobility to complexity in sociolinguistic theory and method. *Tilburg Papers in Culture Studies*. Tilburg: Babylon, n. 103, ago. 2014.

_____; RAMPTON, Ben. Language and Superdiversity. A position paper. *Working Papers in Urban Language and Literacies*, paper 70, 2011.

JACQUEMET, Marco. Transidiomatic practices: Language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, vol. 25, n. 3, p. 257-277, jul. 2005.

_____. Language, media and digital landscapes. In: AUER, Peter; HILPERT, Martin; STUCKENBROCK, Anja; SZMRECSANYI, Benedikt. (Eds.). *Space in Language and Linguistics: Geographical, interactional, and cognitive perspectives*. Berlin: Walter de Gruyter, 2013, p. 473-493.

_____. Asylum and superdiversity: The search for denotational accuracy during asylum hearings. *Language & Communication*, 2014.

_____. Language in the Age of Globalization. In: BONVILLAIN, Nancy. (Ed.). *The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology*. London: Routledge, 2016.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Multilinguismo, escolarização e o (re)conhecimento de contextos minoritários, minoritarizados e invisibilizados. In: *Caderno de Resumos do III Bilinglatam: III Simpósio sobre bilinguismo, Educação Bilíngue e Cidadania*. São Paulo: PUC, 2009. p. 40-42.

LUCENA, Maria Inêz Probst; NASCIMENTO, André Marques do. Práticas (trans)comunicativas contemporâneas: uma discussão sobre dois conceitos fundamentais. *Revista da AN-POLL*, vol. 1, p. 46-57, 2016. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1014>>. Acesso em: 05-02-2017.

MAHER, Tereza Machado. Valorização das línguas indígenas e multiculturalidade no Brasil. *IHU On-line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 467, ano XV, 15-06-2015. Entrevista concedida a IHU On-line. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5990&secao=467>. Acesso em: 05-09-2015.

MARTIN-JONES, Marilyn; GARDNER, Sheena. Introduction: Multilingualism, discourse and ethnography. In: GARDNER, Sheena; MARTIN-JONES, Marilyn. (Eds.). *Multilingualism, discourse and ethnography*. New York: Routledge. 2012, p. 3-12.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: _____. (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 101-119.

PIETIKÄINEN, Sari.; KELLY-HOLMES, Helen. Multilingualism and the Periphery. In: ____; _____. (Eds.). *Multilingual-*

ism and the Periphery. Oxford and New York: Oxford University Press, 2013, p. 1-16.

PROJECTO Diversidade Linguística na Escola Portuguesa [2003-2005]. Instituto de Linguística Teórica e Computacional e Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, Portugal.

SEMECHECHEM, Jakeline Aparecida. *Letramento e identidades sociais em um município multilíngue no Paraná*. 2010. Dissertação (de mestrado). – Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

_____. *O multilinguismo na escola: práticas linguísticas em uma comunidade de imigração ucraniana no Paraná*. 2016. Tese (de doutorado). – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, vol. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01419870701599465>>. Acesso em: 06- 2010.

WANG, Xuan; SPOTTI, Massimiliano; JUFFERMANS, Kasper; CORNIPS, Leonie; KROON, Sjaak; BLOMMAERT, Jan. Globalization in the margins: towards a re-evaluation of language and mobility. *Applied Linguistics Review*, De Gruyter Mouton, vol. 5, n. 1, 2014, p. 23-44.